

“O ‘rap’ permite-me dizer coisas que não consigo na sociologia”

RUI MARQUES SIMÕES

Um concerto de *rap* e *hip hop*, inspirado em rimas suas e intitulado “Há palavras que nasceram para a porrada”, marcou ontem à noite encerramento do colóquio

Alice – Epistemologias do Sul, promovido pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Como nasceu esse projeto, que une áreas aparentemente tão distantes?

Há muito tempo que eu colaboro com o *hip hop*. Há uns anos publiquei no Brasil um livro de rimas [intitulado *Rap Global* e assinado pelo alter ego Queni N.S.L.Oeste]. Eu procurei trazê-lo para Portugal [depois de ter originado um concerto no Brasil]. Falei com alguns *rappers* que conhecia – Capicua, Chullage, Hezbollah e LBC –, que são sociólogos, linguistas e ativistas dos direitos humanos, e pensámos num projeto que integrasse as minhas rimas nas suas letras. Então, criámos este espetáculo, cujo título vem das minhas rimas. E pensámos que seria a melhor maneira de fechar um colóquio sobre os conhecimentos do [hemisfério] Sul e sobre a articulação entre formas diferentes de saber.

Como é que lhe surgiu o interesse pelo *rap*?
É algo que data de há muitos anos, por pensar que o *rap* é hoje a canção de protesto, correspondente à música de intervenção dos anos 60 e 70. Essa música hoje desapareceu. E estes jovens, muitos deles de origem africana, são o continuar da canção de



BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS

Diretor do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

“

“A universidade tem de sair dos seus muros e ir à procura das pessoas que estão a ser excluídas. A minha responsabilidade é estar junto delas”

protesto e denúncia. Estas linguagens [sociologia e *hip hop*] não são comparáveis mas são convergentes no seu sentido. Por exemplo, nunca poderia usar num livro de sociologia a expressão “há palavras que nasceram para a porrada”. O *rap* permite-me dizer coisas que não consigo dizer nos livros de sociologia.

De que forma surgiu a aproximação aos *rappers* que participaram no espetáculo?

Estes jovens começaram por conhecer-me pelos meus livros de sociologia. Depois, viram que eu, além de ser sociólogo, também produzia rimas de *rap*. E desenvolvemos uma relação muito amigável. Hoje, consideram-me o Boaventura MC. Eu fico todo satisfeito (*risos*). Os conservadores podem criticar-me. Mas eu acho que a universidade tem de sair dos seus muros e ir à procura das pessoas que estão a ser excluídas, a ficar de-sempregadas ou a ser vítimas de racismo ou humilhação. A minha responsabilidade como sociólogo é estar juntos delas.

O concerto foi o culminar do colóquio Alice – Epistemologias do Sul. Que balanço faz da palestra?

É um balanço muito positivo: 650 pessoas, vindas de dezenas de países, estiveram a mostrar as ideias novas e alternativas, que estão a ocorrer no [hemisfério] Sul, na área de direitos humanos, economia e democracia, para explicar que chegou a hora da Europa aprender com o resto do mundo. Essa é a grande mensagem do colóquio.